



## Redimidos pelo Eterno

O Eterno tomou a iniciativa de nos levar de volta para casa, enviando nosso Redentor, Jesus Cristo, para morrer em nosso lugar na cruz a fim de levar sobre si os nossos pecados e se tornar o Mediador de uma nova aliança, o Pacto das Obras. Ao nos arrependermos por viver como nossos primeiros pais, de costas para Deus, e nos voltarmos para o Criador com uma fé salvífica em Jesus Cristo e na suficiência de sua obra, somos redimidos pelo Eterno.

Mas o que significa ser redimido pelo Eterno? O que especificamente o Eterno fez por nós e está fazendo em nós por meio da obra redentora de Jesus? Quando o homem pecador se arrepende de seu estado de autosuficiência e dá uma guinada de 180 graus em sua vida, não mais de costas para Deus mas de frente para o Criador, então deposita sua fé em Jesus para que o Redentor possa mediar esse relacionamento. O novo nascido desiste de seus projetos de autossalvação e bem como vai abrindo mão de seus ídolos para confiar apenas, tão somente e exclusivamente em Jesus. No ato da conversão, Deus consuma então uma obra de salvação consumada em Cristo pelo novo nascido (salvação objetiva) e inicia uma obra de salvação realizada no novo nascido por meio do Espírito Santo (salvação subjetiva).<sup>1</sup>

## Justificados

No ato da conversão, o Eterno imediatamente imputa ao pecador a justiça de Cristo, vestindo o novo nascido com os méritos de Jesus bem como livrando-o da condenação merecida pelo pecado. Este ato é conhecido pelo termo “Justificação”, muito utilizado por Paulo e retomado pelo vocabulário dos Reformadores. A Justificação é “o ato judicial pelo qual, por causa de Cristo, a quem o pecador está unido pela fé, Deus declara que o pecador não mais está exposto a pena da lei, mas restaurado ao seu favor”.<sup>2</sup>

Strong destaca o fato de que “merece especial observação que [...] os termos “justificar” e “justificação” contrastam-se não com o processo de depravação ou corrupção, mas com o ato exterior de condenar; merece ainda especial observação que as expressões empregadas para explicá-las e ilustrá-las derivam não da operação interior de purificar a alma ou infundir nela a retidão, mas do processo dos tribunais em seus julgamentos, ou de pessoas ofendidas no perdão dos ofensores. Concluímos que estes termos, enquanto se referem a relação dos pecadores com Deus, significam um ato declarativo e judicial de Deus, exterior ao pecador e não um ato eficiente e soberano de Deus mudando a natureza do pecador e fazendo-o subjetivamente reto.”<sup>3</sup> Isto quer dizer que a justificação é uma declaração de Deus a nosso favor, nos livrando das penalidades de nossos pecados: somos declarados justos em Jesus Cristo, mesmo não sendo justos. A Justificação não nos transforma em pessoas justas, mas descansa na justiça de Cristo.

A Confissão de Fé de Westminster reitera esse importante ponto nos lembrando que “justificação não consiste em Deus infundir neles [convertidos] a justiça, mas em perdoar os seus pecados e em considerar e aceitar as suas pessoas como justas. Deus não os justifica em razão de qualquer coisa neles operada ou por eles feita, mas somente em consideração da obra de Cristo; não lhes imputando como justiça a própria fé, o ato de crer, ou qualquer outro ato de obediência evangélica, mas imputando-lhes a obediência e a satisfação de Cristo, quando eles o recebem e se firmam nele pela fé, fé esta que possuem não como oriundas de si mesmos, mas como dom de Deus (CFW, Cap. 11, Art. 1). Nos simples termo de Hodge, “justificação é a justiça de Cristo imputada ao crente”.<sup>4</sup> Neste sentido, “Justificação é uma declaração legal feita por Deus de que pecadores crentes são justos [...] Os Reformadores corretamente entenderam o verbo “justificar” como significando “declarar justo” e “não fazer justo” como Agostinho de Hipona e os escolásticos medievais supunham”.<sup>5</sup>

Strong declara que os efeitos da justificação são a remissão dos pecados e a restauração do favor, pois “Além do livramento da punição, a justificação implica o tratamento que Deus dá ao pecador como se ele fosse e tivesse sido pessoalmente justo. A pessoa justificada recebe não só a remissão da pena, mas a recompensa prometida da obediência.”<sup>6</sup> Petigru nos faz compreender de maneira mais clara esse mecanismo de imputação: “Adão como o representante do homem pecou, e seu pecado foi imputado a todos os seus descendentes, e eles foram tratados como sendo pessoalmente pecadores. Cristo se

<sup>1</sup> HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p.1182

<sup>2</sup> STRONG, August Hokins. *Teologia Sistemática: Vol. II*. São Paulo: Hagnos, 2003, p.577

<sup>3</sup> STRONG, August Hokins. *Teologia Sistemática: Vol. II*. São Paulo: Hagnos, 2003, p.584

<sup>4</sup> HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p.1113

<sup>5</sup> EVESON, PHILIP H.: *The great exchange: Justification by faith alone—in the light of recent thought*. Leominster, UK : Day One Publications, 1996, p.64

<sup>6</sup> STRONG, August Hokins. *Teologia Sistemática: Vol. II*. São Paulo: Hagnos, 2003, p.587

colocou também como representante do homem e seus pecados foram imputados a Ele e ele foi tratado como um pecador. Do mesmo modo sua justiça é imputada aos que crêem, e ele são tratados como justos”.<sup>7</sup>

Logo, “este novo status legal que pecadores tem em Cristo é atrelado inteiramente a obra de Cristo. Cristo não é nenhum acréscimo de justiça a qual Deus possa encontrar em pecadores. Eles são declarados justos somente com base na morte expiatório de Cristo”.<sup>8</sup> Lembrando a citação de Calvino, que afirmou que “o Filho de Deus, totalmente puro de qualquer falta, ainda sim tomou sobre si mesmo a vergonha e a reprovação de nossas iniquidades, e em retorno nos vestiu com sua pureza”.<sup>9</sup> A metáfora da vestimenta utilizada por Calvino é bastante própria para nos mostrar que em Cristo Deus de fato concluiu seu projeto de vestir o homem deixado nu pelo pecado em uma referência a Gênesis 3. Portanto, a justificação é “um ato, e não é, como na santificação, uma obra contínua e progressiva”.<sup>10</sup>

No instante da conversão, somos declarados justos e adotados por Deus Pai através do Deus Filho: “A todos os que são justificados, Deus se digna fazer participantes da graça da adoção em e por seu único Filho Jesus Cristo. Por essa graça, eles são recebidos no número e gozam a liberdade e privilégios dos filhos de Deus, têm sobre si o nome dele, recebem o Espírito de adoção, têm acesso, com confiança, ao trono da graça, e são habilitados, a clamar “Abba, Pai”; são tratados com piedade, protegidos, providos e corrigidos por ele, como por um pai; nunca, porém, abandonados, mas selados para o dia da redenção, e recebem as promessas como herdeiros da eterna salvação”. (CFW, Cap. 12, Par. 1). Assim, a experiência de ser justo e ser filho diante de Deus estão intimamente conectadas, pois assim como o filho simplesmente é filho independente de sua atuação como filho, somos justificados diante de Deus por Cristo independente do que façamos.

## Santificando

O termo “Justificado” sugere algo pronto e acabado, mas o termo “Santificando” invoca uma ação que se alonga no tempo, algo que ainda está sendo realizado. Pois bem, é isso que a santificação é: um processo. Enquanto a justificação é algo que Cristo faz por nós, um ato de declarar-nos justos, um ato que muda nossa relação com Deus de uma vez por todas, a santificação é algo que o Jesus está fazendo em nós, um processo de moldar em nós uma pessoa justa, nos transformando pessoalmente dentro do relacionamento com o Pai.<sup>11</sup>

Podemos pensar na santificação como o processo no qual o Espírito Santo trabalha em nós para nos transformar pessoalmente naquilo que já somos para o Pai como crentes justificados: santos! Aos olhos do Pai, em Cristo, somos justos e santos, e por isso o Espírito de Cristo está trabalhando em nós para moldar nossos pensamentos, sentimentos e atitudes a essa nova vida, a esse novo homem que está vivo em nós por meio do Espírito Santo.

Hodge nos lembra que a santificação é uma obra sobrenatural realizada por Deus em nós e não se trata de uma mera reforma moral, uma melhoria ética. Pessoas podem fazer melhorias morais em suas vidas e isso é algo louvável, mas “tal reforma externa pode deixar o caráter interior de um homem intocado na perspectiva de Deus. Ele permanece destituído de amor por Deus, de fé em Cristo, e de todos os exercícios santos e afeições”.<sup>12</sup> A santificação é sobrenatural no sentido de que é uma ação do Espírito Santo, que gera em nós o fruto do Espírito, ou seja, uma transformação pessoal verdadeira, profunda, sólida e constante a fim de que sejamos cada vez mais a imagem de Jesus Cristo, nosso Salvador. É uma ação do Espírito pois “nenhum homem pode lavar ou purificar seu coração ou sua vida. A ele falta especialmente a vontade de fazer isso. Se ainda sim ele determinasse fazer isso, as tentações, que vão assaltá-lo, iriam logo subjugar esta vontade”.<sup>13</sup>

A santificação então é um processo no qual o Espírito Santo está restaurando a imagem de Deus em nós que foi quebrada pela queda. A CFW nos lembra que “os que são eficazmente chamados e regenerados, tendo sido criado neles um novo coração e um novo espírito, são, além disso, santificados, real e pessoalmente, pela virtude da morte e ressurreição de Cristo, por sua Palavra e pelo seu Espírito, que neles habita; o domínio de todo o corpo do pecado é destruído, as suas várias concupiscências são mais e mais enfraquecidas e mortificadas, e eles são mais e mais vivificados e fortalecidos em todas as graças salvadoras, para a prática da verdadeira santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor” (CFW, Cap. 13, Art. 1). A CFW nos ensina que o processo de santificação é desenvolvido em nós pela nossa mortificação para o pecado por um lado, e pela vivificação da graça em nós.

<sup>7</sup> BOYCE, JAMES PETIGRU: *Abstract of Systematic Theology*. Bellingham, WA : Logos Bible Software, 2010, p.400

<sup>8</sup> EVESON, PHILIP H.: *The great exchange: Justification by faith alone—in the light of recent thought*. Leominster, UK : Day One Publications, 1996, p.64

<sup>9</sup> CALVIN, *Institutes*, Bk.2, ch. xvi, para.6 (Battles, Vol.1, p. 510)

<sup>10</sup> HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001., p.1134

<sup>11</sup> HODGE, CHARLES: *Systematic theology*. vol. 3. Oak Harbor, WA : Logos Research Systems, Inc., 1997, p.

<sup>12</sup> HODGE, CHARLES: *Systematic theology*. vol. 3. Oak Harbor, WA : Logos Research Systems, Inc., 1997

<sup>13</sup> BOYCE, JAMES PETIGRU: *Abstract of Systematic Theology*. Bellingham, WA : Logos Bible Software, 2010, p.411

But sanctification is to be extended to the body likewise. Its appetites and passions are to be controlled, wicked actions are to cease, and unholy habits to be put away, the members of the body are to be mortified, all filthiness of the flesh to be cleansed, good works are to be exhibited to mankind, and such high moral duties to be performed as are imposed upon Christians as obligatory towards each other and the world.<sup>14</sup>

But it is the especial work of the Holy Spirit, who is the author of the process of Sanctification.<sup>15</sup>

(1.) He enlightens the mind. John 14:26; 1 Cor. 2:9–16; Eph. 1:18; 3:18, 19; 1 John 2:20, 27. On this account he is called “the Spirit of truth,” John 14:17; 15:26; 16:13; and the “Spirit of wisdom.” Eph. 1:17.

(2.) He gives spiritual strength (Eph. 3:16), lusting against the flesh (Gal. 5:17), enabling the believer to mortify the deeds of the body (Rom. 8:13), leading the sons of God (Rom. 8:14), and enabling them to purify their souls in obeying the truth. 1 Pet. 1:22.

(3.) Inasmuch as he dwells within them (Rom. 8:9), so that they are his temple (1 Cor. 3:16), with whom they are sealed as the earnest of their inheritance (Eph. 1:13, 14), so, also, does he bear witness with their spirits that they are the children of God, and, removing the spirit of bondage to fear, bestows on them the spirit of adoption, whereby they cry Abba, Father. Rom. 8:15, 16.

(4.) The fruit of this indwelling Spirit is declared to be “in all goodness and righteousness and truth.” Eph. 5:9. It is specifically stated to be “love, joy, peace, long-suffering, kindness, goodness, faith, meekness, temperance.” Gal. 5:22.<sup>16</sup>

2. But, while there is such need of a divine author of sanctification, it is not a work in which the believer is passively a recipient, but one in which he actively co-operates. This is exhibited in various ways in the word of God.

(1.) Christians are called upon to recognize this presence of the Spirit. 1 Cor. 3:16, 17. They are exhorted to “walk by the Spirit,” and assured that, in so doing, they “shall not fulfil the lust of the flesh.” Gal. 5:16. They are taught that “they that are after the flesh do mind the things of the flesh; but they that are after the Spirit the things of the Spirit.” Rom. 8:5. They are told that, because of the indwelling Spirit, “we are debtors, not to the flesh to live after the flesh,” and thus, by implication, that we are debtors to live after the Spirit. Rom. 8:12. They are charged to “grieve not the Holy Spirit of God, in whom ye were sealed unto the day of redemption.” Eph. 4:30. In these, and in other ways, their co-operation with the Spirit in the work is implied quite plainly.

(2.) They are exhorted to engage in the work of self-purification. The apostle exhorts the Ephesians not to “walk as the Gentiles also walk, in the vanity of their mind, ... to put away ... the old man, which waxeth corrupt after the lusts of deceit; and be renewed in the spirit of their mind, ... and to put on the new man, which after God, hath been created in righteousness and holiness of truth.” Eph. 4:17–24.

(3.) This self-purification is declared to be the work of every one that has the hope of likeness to Christ. 1 John 3:3.

(4.) Direct promises and commands, and exhortations to perfection and holiness, imply co-operative action in those who are in process of attaining sanctification. Matt. 5:48; 2 Cor. 7:1.

(5.) All warnings against the power of temptation, the lust of the flesh, the subtlety of Satan, the influence of the world, the grievous character of sin; all exhortations to lead a virtuous and godly life, to set the affections on heavenly and divine things, to consecrate soul and body to God; all motives to these ends drawn from the work of Christ, as an exhibition of divine love and mercy, as an example of purity of life, and of patient suffering, or as personally connected with the believer because of his union with the Lord,—in short, all that the Scriptures contain fitted to lead the Christian to a higher spiritual life, is evidence of his co-operation with the Holy Spirit in the work of sanctification.

The author of sanctification is indeed the Divine Spirit, but the Christian actively unites with that Spirit, “working out his own salvation with fear and trembling,” being exhorted and encouraged to do so, because “it is God which worketh in him, both to will, and to do, for his good pleasure.” Phil. 2:12, 13.<sup>17</sup>

## CAPÍTULO 13

<sup>14</sup> BOYCE, JAMES PETIGRU: *Abstract of Systematic Theology*. Bellingham, WA : Logos Bible Software, 2010, p.412,413

<sup>15</sup> BOYCE, JAMES PETIGRU: *Abstract of Systematic Theology*. Bellingham, WA : Logos Bible Software, 2010, p.416, p.

<sup>16</sup> BOYCE, JAMES PETIGRU: *Abstract of Systematic Theology*. Bellingham, WA : Logos Bible Software, 2010, p.416

<sup>17</sup> BOYCE, JAMES PETIGRU: *Abstract of Systematic Theology*. Bellingham, WA : Logos Bible Software, 2010, p.416,417

## DA SANTIFICAÇÃO

1. Os que são eficazmente chamados e regenerados, tendo sido criado neles um novo coração e um novo espírito, são, além disso, santificados, real e pessoalmente, pela virtude da morte e ressurreição de Cristo, por sua Palavra e pelo seu Espírito, que neles habita;<sup>1</sup> o domínio de todo o corpo do pecado é destruído,<sup>2</sup> as suas várias concupiscências são mais e mais enfraquecidas e mortificadas,<sup>3</sup> e eles são mais e mais vivificados e fortalecidos em todas as graças salvadoras,<sup>4</sup> para a prática da verdadeira santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor<sup>5</sup>

2. Esta santificação é no homem todo,<sup>1</sup> porém imperfeita nesta vida; ainda persistem em todas as partes dele restos da corrupção, e daí nasce uma guerra contínua e irreconciliável - a carne lutando contra o espírito, e o espírito contra a carne.<sup>2</sup> <sup>1</sup> - 1Ts 5.23; <sup>2</sup> - 1 Jo 1.10; Fp 3.12; Gl 5.17; 1 Pe 2.11; Rm 7.19,23.

3. Nesta guerra, embora prevaleçam por algum tempo as corrupções que restam,<sup>1</sup> contudo, pelo contínuo socorro da eficácia do santificador Espírito de Cristo, a parte regenerada vence,<sup>2</sup> e assim os santos crescem em graça,<sup>3</sup> aperfeiçoando a sua santidade no temor de Deus.<sup>4</sup> <sup>1</sup> - Rm 7.23; <sup>2</sup> - Rm 6.14; 1 Jo 5.4; Ef 4.15-16; <sup>3</sup> - 2 Pe 3.18; 2 Co 3.18; <sup>4</sup> - 2 Co 7.1.

Somos santificados através dos meios de graça: O Espírito Santo faz com que as Escrituras, dos Sacramentos, da comunhão, da oração e outros exercícios espirituais canais da graça pelas quais nos santifica.<sup>18</sup>  
Mortificação e vivificação:

O lugar das obras na vida cristã

4 Although the Reformers stressed that good works have no part to play in justification, they did show how important these were in the life of the believer. They insisted, however, that the good works of believers are not meritorious but are the fruit and signs of justification. They do not merit salvation; they do not help to gain final acceptance on the day of judgement. In fact, Calvin says, 'we have not a single work going forth from the saints that if it be judged in itself deserves not shame as its just reward'. 'Let a holy servant of God, I say, choose from the whole course of his life what of an especially noteworthy character he thinks he has done ... Undoubtedly he will somewhere perceive that it savors of the rottenness of the flesh'<sup>19</sup>

## CAPÍTULO 16 DAS BOAS OBRAS

1. As boas obras são somente aquelas que Deus ordena em sua santa Palavra,<sup>1</sup> não as que, sem autoridade dela, são aconselhadas pelos homens movidos de um zelo cego, ou sob qualquer outro pretexto de boa intenção.<sup>2</sup> <sup>1</sup> - Dt 12.32; Sl 119.9; Mt 28.20; Lc 10.25,26; 2 Pe 1.19; <sup>2</sup> - Mt 15.9; Jo 16.2; 1 Sm 15.22,23; Cl 2.20-23.

2. Estas boas obras, feitas em obediência aos mandamentos de Deus, são o fruto e as evidências de uma fé viva e verdadeira;<sup>1</sup> por elas os crentes manifestam a sua gratidão,<sup>2</sup> robustecem a sua confiança,<sup>3</sup> edificam os seus irmãos,<sup>4</sup> adornam a profissão do Evangelho,<sup>5</sup> fecham a boca aos adversários<sup>6</sup> e glorificam a Deus,<sup>7</sup> de quem são feitura, criados em Jesus Cristo para isso mesmo,<sup>8</sup> a fim de que, tendo o seu fruto em santidade, tenham no fim a vida eterna.<sup>9</sup> <sup>1</sup> - Tg 2.18, 22; <sup>2</sup> - Sl 116.12-13; Cl 3.17; 1 Cr 29.6-9; <sup>3</sup> - 1 Jo 2.3,5; 2 Pe 1.5-10; <sup>4</sup> - 2 Co 9.2; Mt 5.16; <sup>5</sup> - 1 Tm 6.1; Tt 2.5,9-12; <sup>6</sup> - 1 Pe 2.15; <sup>7</sup> - 1 Pe 2.12; Fp 1.11; Jo 15.8; <sup>8</sup> - Ef 2.10; <sup>9</sup> - Rm 6.22.

3. A capacidade de fazer boas obras de modo algum provém dos crentes, mas inteiramente do Espírito de Cristo.<sup>1</sup> A fim de que sejam para isso habilitados, além da graça que já receberam, é necessário que recebam a influência efetiva do mesmo Espírito Santo para operar neles tanto o querer como o realizar segundo o seu beneplácito;<sup>2</sup> contudo, não devem por isso tornar-se negligentes, como se não fossem obrigados a cumprir qualquer dever senão quando movidos especialmente pelo

<sup>18</sup> HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p.1195

<sup>19</sup> EVESON, PHILIP H.: *The great exchange: Justification by faith alone—in the light of recent thought*. Leominster, UK : Day One Publications, 1996, p.64

Espírito; pelo contrário, devem esforçar-se por dinamizar a graça de Deus que está neles<sup>3</sup>. <sup>1</sup>- Jo 15.5-6; Ez 36.26,27; <sup>2</sup>- Fp 2.13; 4.13; 2 Co 3.5; <sup>3</sup>- Fp 2.12; Hb 6.11-12; Is 64.7; 2 Pe 1.3,5,10,11; 2 Tm 1; Jd 20,21.

4. Os que alcançam, pela sua obediência, a maior perfeição possível nesta vida estão tão longe de exceder as suas obrigações e fazer mais do que Deus requer, e são deficientes em muitos deveres que são obrigados a fazer<sup>1</sup>. <sup>1</sup>- Lc 17.10; Gl 5.17.

5. Não podemos, pelas nossas melhores obras, merecer da mão de Deus perdão de pecado ou vida eterna, em razão da grande desproporção que há entre elas e a glória porvir, e da infinita distância que existe entre nós e Deus, a quem não podemos ser úteis por meio delas, nem saldar a dívida dos nossos pecados anteriores;<sup>1</sup> e porque, como boas, procedem de seu Espírito;<sup>2</sup> e, como nossas, são impuras e misturadas com tanta fraqueza e imperfeição, que não podemos suportar a severidade do juízo de Deus;<sup>3</sup> assim, depois que tivermos feito tudo quanto podemos, temos cumprido tão somente, o nosso dever, e somos servos inúteis<sup>4</sup>. <sup>1</sup>- Rm 3.20; 4.2,4,6; Ef 2.8-9; Tt 3.5-7; Rm 8.18; <sup>2</sup>- Gl 5.22,23; <sup>3</sup>- Is 64.6; Sl 143.3; 130.3; Gl 5.17; Rm 7.15,21-13; <sup>4</sup>- Lc 17.10; Gl 5.17.

6. Não obstante, as pessoas dos crentes, sendo aceitas por meio de Cristo, suas obras são também aceitas por ele,<sup>1</sup> não como se fossem, nesta vida, inteiramente puras e irrepreensíveis à vista de Deus,<sup>2</sup> mas porque Deus, considerando-as em seu Filho, é servido aceitar e recompensar aquilo que é sincero, embora seja acompanhado de muitas fraquezas e imperfeições<sup>3</sup>. <sup>1</sup>- Ef 1.6; 1 Pe 2.5; Gn 4.4; Hb 11.4; <sup>2</sup>- 1 Co 4.3,4; Sl 143.2; <sup>3</sup>- 2 Co 8.12; Hb 6.10.

7. As obras feitas pelos não regenerados, embora sejam, quanto à matéria, coisas que Deus ordena, e úteis tanto a eles mesmos quanto aos outros,<sup>1</sup> contudo, porque procedem de corações não purificados pela fé,<sup>2</sup> não são feitas devidamente - segundo a Palavra;<sup>3</sup> - nem para um fim justo - a glória de Deus;<sup>4</sup> são, portanto, pecaminosas e não podem agradar a Deus, nem preparar o homem para receber a graça de Deus;<sup>5</sup> não obstante, o negligenciá-las é ainda mais pecaminoso e ofensivo a Deus<sup>6</sup>. <sup>1</sup>- 2 Rs 10.30,31; Fp 1.15,16,18; <sup>2</sup>- Hb 11.4,6; Gn 4.3-5; <sup>3</sup>- 1 Co 13.3; Is 1.12; <sup>4</sup>- Mt 6.2,5, 16; Rm 14.23; <sup>5</sup>- Tt 1.15; Pv 15.8; 28.9; <sup>6</sup>- Mt 25.24-28,41,42,43,45.

24. Como se divide este Credo?

R. Em três partes. A primeira trata de Deus Pai e da nossa criação. A segunda de Deus Filho e da nossa salvação. A terceira de Deus Espírito Santo e da nossa santificação.

Catecismo de Heidelberg.